

Quintino e Leopold



Poemas e Prosas Reunidos

Dias vividos

Dias vividos
Poemas e Prosas Reunidos
Correspondências entre Quintino e Leopold

2008

PREFÁCIO

Quando Quintino e Leopold começaram a trocar correspondências não imaginavam que estavam começando a escrever um livro. Nem sequer possuíam intimidade com as letras e os versos. Mas os textos foram se aglomerando e crescendo em paralelo com as intempéries da vida e os vórtices sentimentais se direcionando para o único escape capaz de canalizá-los: a escrita.

Perceberam quão consoladoras podem ser as palavras quando generosamente se oferecem a um coração afligido e ansioso. Mesmo que o leitor não compreenda com exatidão o que sentia o escritor no momento da composição do texto, é um grande alívio transpor ao papel seu desespero e sua indignação, como se a folha oferecesse o consolo de um ombro amigo, levando embora uma parcela das angústias.

Este livro documenta não apenas prosas e poesias de dois anônimos, mas reflete de certa maneira os altos e baixos emocionais que ocorrem num período de tempo de apenas três anos para duas pessoas que ousaram procurar num mundo injusto a sensação única da satisfação, seja por meio do amor, da amizade ou da filosofia.

Os textos estão organizados por ordem cronológica, desde o primeiro contato com as palavras até o momento em que decidem parar de se corresponder e se vêem como o próprio alvo de seus poemas.

A coletânea não foi composta com a pretensão de atingir grande qualidade e técnica de escrita, pois antes de se objetivar a perfeição literária, a composição artística primeiramente busca a dissipação de sentimentos. Porém, como toda a prática leva a melhoria de qualquer atividade, podemos notar como, ao passar dos dias, dos meses e dos anos, a escrita de Quintino e Leopold foi se aprimorando e evoluindo, passando por experiências rítmicas, sonoras, temáticas e incorporando características de gêneros literários como o romantismo, o modernismo e o concretismo. Desta maneira, este livro se mostra também importante ao estudo da composição artística e da ascensão do escritor.

Por exemplo, visando o ponto temático dos textos, percebemos claramente a predominância da fraqueza humana como assunto das primeiras cartas, conforme nos revela os seguintes excertos:

"Apresenta-te com estupidez a mente fraca / Expõe um espelho que não deveríamos ver"
 "Não direi que seremos porque na realidade não somos nada"

Em pouco tempo, os temas começam a variar e englobar o amor, a indagação da alegria de vida e as relações fraternas, além de experiências modernistas e de certa forma abstratas:

"Proclamas o amor, mas estais ocupada."
 "São sete as pétalas da rosa do amor"
 "Gato alado voa pro sol"

Aos poucos começa-se a preferir a forma de prosa e um cenário mais negro a circundar os pensamentos. A análise se torna mais profunda e usa-se o raciocínio como forma de entendimento

da vida. Junto com o pensamento, vem um sentimento pessimista:

"De percorrer em vã procura
de um nada, do obscuro, já me basta"

"Descobre um mundo de dores
e volta ao seu descanso"

Em paralelo às questões filosóficas e à busca constante da alegria nunca plenamente encontrada, temos sempre o amor, ora para aliviar, ora para arrastar ainda mais os escritores aos negrimes emocionais.

Apesar da evidente diferença na construção textual dos dois escritores, do início ao fim do livro se apresenta uma similaridade de Quintino e Leopold: a instabilidade, fundamental para a criação de variados e intrigantes temas. A importância deste livro não se resume a tais textos interessantes, mas também por expor de maneira crua a fragilidade de duas pessoas e logo de seres humanos e nós mesmos, os leitores.

Capítulo I

Como um meio de desabafo, Quintino e Leopold se encontram com as palavras. O primeiro contato nascido do anseio pela expressão explode como um grito contido por anos de agonia e indignação diante à fragilidade humana e a decepção de não encontrar no mundo e na sociedade a beleza tão querida e buscada por toda a vida.

Às primeiras tentativas, um receio com as letras, porém, irreverência com as idéias. Tal qual adolescente que busca sua personalidade, os dois jovens escritores vagueiam por tentativas e experiências de escritas buscando sua própria identidade textual.

Quintino denuncia a humanidade e revela pequenos fatos rotineiros que o estimulam enquanto Leopold expõe de maneira subjetiva uma desilusão amorosa e o nascimento de uma nova paixão.

Há ainda, principalmente nos textos de Quintino, pensamentos funestos que surgem e permanecem por bom tempo, causados também por influências de autores como Goethe e Alvarez de Azevedo.

A influência de autores consagrados também é exposta nos textos de Leopold, no caso, Manuel Bandeira.

14 de setembro de 2004

Leopold:

O sonho de Morfeu é conduzido ao desfecho pelo desejo.
Quando vivido, porém, torna-se desafiador:
Apresenta-te com estupidez a mente fraca;
Expõe um espelho que não deveríamos ver.

17 de setembro de 2004

Quintino:

Educadamente e sensivelmente caminhamos por estradas obscuras.
Cada dia nos apressa os passos, caminhamos depressa.
Pensamos ter percorrido muitas léguas, pensamos que estamos longe.
Estamos na verdade andando para trás, e fora dos padrões de morais.
Nós atrasamos nossos passos léguas de distancia.

"Compreendendo o surgimento de novos modelos e
Explorando novos universos!!!"
A quem queremos enganar?
Somos a mesmice que através dos olhos
Vemos um mundo oscilar entre o desespero e a vergonha.

Vergonhosamente entramos em um círculo vicioso
Em não sair do lugar.
Em nos apegar ao amor
Em se preocupar com as ansiedades da vida
Em envelhecer mais rápido
Em vícios que viciam nossa vida
Em padrões que foram postos por seres que repelimos.
Em sermos aquilo que somos
Em informações sem proveito
Em conversas tolas sem proveito algum.
Em ser o pouco da humanidade

Perdemos nossos princípios (se é que já tivemos algum)
Perdemos nossas palavras (se é que realmente já foram ditas algumas)
Perdemos nosso caminho (se é que já tivemos um)

Perdemos nossa eloquência (se é que temos algo para ser palestrado)
Perdemos nossa cultura (quem roubou? Ou nos mesmos perdemos?)
Perdemos o amor próprio (mas nós nunca tivemos nada para amar na gente)
Perdemos o amor a arte (o que é arte realmente?)

A cultura foi feita... não se cria mais?
Nem o mínimo sabemos fazer... Appreciar algo que foi deixado
Sem custo nenhum a nossos olhos, sem custo porque não conhecemos...
Porque não sabemos sobre sua amplitude.

Somos nós... Assim somos e assim... somos
Não direi que seremos porque na realidade nós não somos nada.

04 de outubro de 2004

Quintino

Até que a noite venha a findar-se
E as luzes do dia a raiar,
A árvore frondosa perca suas flores,
O perfume das pétalas fique escasso,
Minhas lágrimas parem de cair,
E assim acabe minha alegria
Procurarei a felicidade reluzente
E a minha suprema harmonia,
Assim poderei fazer em paz
Sabendo que algo de bom eu fiz.

18 Setembro 2004

Leopold

Estou fraco devido constante confronto de meus eus
Exausto depois da última batalha que durou sete dias e quinze noites
A guerra já é longa e a cada copo, mais longe do fim

- Malditos princípios puristas! Não devem vencer!
Renovam-se, armam-se, estrategiam... - são fortes
Os conheço, os criei. Há páginas em suas bases

- Ah, exército do ímpeto! Infantes o lideram
Seus atos impensados... Aqui não há planos
Com que violência atacam!
Em suas investidas todo o vigor esvaece.

- Ah, como desejo a vitória do amor!
Tão fraco... Tão precoce. Exército raquítico
Faltou-lhe leite materno, exercício, prática
Para ele esta é guerra injusta (Mas qual não é?)

Sinto-me triste ao deparar sua constante inferioridade
seus soldados famintos e moribundos
Chorei quando vi em seus olhos negros e estáticos
a eterna esperança.

19 Setembro 2004

Leopold

É cruel expor uma criatura tão sensível e inexperiente em tal situação
O que não fiz, por talvez falta de coragem - não por medo,
Seria fácil pro ordinário
Seria óbvio para o calejado que perdeu sua sensibilidade devido a prática.

22 Setembro 2004

Leopold

Adormeci antes do sol.
Despertei ao silvo agudo que marca fim do dia
Silvo só ouvido pelas almas atormentadas
É quando tais espectros libertam-se - fim do dia.
Apogeu dos remorsos mentais.

23 Setembro 2004

Quintino

Meu despertar está no canto dos pássaros
O que terei de ser se me abandonarem?
Suplico a ti, Oh minha macieira, que não partas daqui
Permaneça onde estás, até que meus dias cessem
E eu não necessite mais acordar!

24 de setembro de 2005

Leopold

Amigo,
Apressas-me a escrever.
Bem sabes que belas palavras
Não hão de ser cunhadas sem que haja
Entusiasmo d'alma ou ímpeto do coração
De vãs palavras as bibliotecas estão cheias

28 de Setembro de 2005

Leopold

Se - ah! - todas as afirmações,
todas as palavras declamadas
com tanta cautela; tão medidas!

Se - ah! - todas minhas idéias
meticulosamente, minuciosamente
entregues a ti tão prudentemente

Se - ah! - toda minha erudição -
granjeada ufania egocêntrica -
antes tão profunda, tornaste-a leviana

Se -ah! - beleza de Adônis
recurso apelativo às regras naturais
à vulgar a mediocridade do plano

Fizessem-na ao menos estimar-me
Fizessem-na ao menos concordar-me
Seria de meu ser a apoteose,
glorificação, apogeu de minh'alma

Seria então compensação dos livros
dos quais noites passei a sorver
Indenização de anos de vaidade
narcisismo, renascentismo...

- Seria então, recompensa por minha vida inteira.

1º de Outubro

Quintino

Querida, minha querida.

Estava tu, tão esbelta e deslumbrante...
Como eu a amo.... Oh minha cara
Mas tu me deixaste contristado por um instante
Tu caíste ao solo, derramando a fonte de vida...

Como poderia eu te-la deixado em meio ao chão?
Caí em prantos, caí na desgraça...
Mas foi concedida a mim outra chance
E agarrei com ambas as mãos

Estavas tu a morrer com toda a aquela superfície;
Estavas tu a contemplar o mundo por pouco tempo;
Estavas tu a entender o motivo da felicidade dos pobres;
Estavas tu a acabar, em vez de em cima, abaixo do solo.

Troquei tua vivacidade;
Dei motivo para sua existência...
Caíste em solo desgostoso
Mas estais agora em meios triunfantes.

Amo-te, querida plantinha.

Leopold

A Fruta Brasileira

Gostusura - fruta brasileira
manga boa, gorda, carnuda,
tão grande que prá comer
tem que usar as duas mão
- cabra vira menino
meleca a cara toda -
Óia o cabelinho que gruda no dente!
Gostusura - mulher brasileira
morena boa de bunda grande

2 de Outubro

Quintino

Proclamas o amor, mas estás ocupada.
 Dizei a mim, ó cara: "invejo-te"
 Procurais a arte, mostro-a a ti
 Estás indiferente agora, por quê?

Sou sufocado por dores de parto
 Maléfico aquele que me instruiu
 Criou um monstro em mim, e para ti foi mostrado
 Coitado, coitado de mim e de ti.

Desanimaste um homem conturbado
 Construístes a tumba para alguém ressuscitado
 Perseguiste alguém na paz...
 Apareceste em minha vida, desgraçada.

Quero arrancar as entranhas com os dentes,
 Posso ver quão lindo é o paraíso.
 Estaria eu ali, seria eu aquele vulto?
 Que pena... Rosas não combinam com minha sepultura.

Acredite, Eu Nunca quis isto.

Leopold

Acolha-me nesta noite -
 Recolha-me em profundos devaneios
 dos quais o álcool há de ebulir palavras
 Antes nunca mencionadas, porém pré-supostas

Inclina-me teu ouvido e guarda teu olfato
 Amargas desesperanças espremidas no palato
 Dubitáveis verdades das quais nunca estive tão convicto
 Exposição explícita, outrora censurada, de minh'alma aflita

Cá em novo decisivo pactuante momento
 Repisando sentenças já decretadas, mas
 Esquecidas após enfado ressacado

Recolha-me eu em instante de fuga
 Maternal em que o amigo supera a amada
 Daqui eu vim e para cá retorno. De novo.

3 de outubro de 2005

Leopold

(De uma semana de folga)

Bem, amanhã retorno ao trabalho após uma semana de folga.
Pergunte-me como aproveitei esse período de ócio. Dir-lhe-ei:
Não, não viajei. Não vi o mar. Não vi montanhas. Nem mesmo o céu.
Não me embriaguei. Não me exercitei. Nem co'as mulheres fiquei.

"Então" -dizeis- "és mesmo um tolo! Tantos são os que usufruíam esse tempo mais sabiamente que tu! Um oásis em meio ao deserto de frustrações que é sua vida! Deverias encher o cantil - sim, afundar teu cantil profundamente no lago dos prazeres mundanos! Melhor: mergulhar e se embebedar de vãs satisfações desregradas! Então terias vigor a continuar a procissão sem rumo a que insistes."

Realmente, desse lago não bebi. Porém em mar mais profundo mergulhei!
Ainda na superfície, pude ver a humanidade revelada diante dos meus olhos.
Pude ver tua desgraçada espécie. Pude ver que caminham, ou melhor, rastejam como cobras cegas, copulando devassas, enroscando-se umas as outras, formando grande e indigesta trança.
E apesar das dificuldades de movimentação, o coito é geral.
Não fazem distinção, não se diferenciam e todas com todas se fundem.
E enquanto copulam de suas peles segrega coisa viscosa, a trança tornando-se pegajosa, escorregadia, nauseante...
E assim percorrem curto caminho até um grande penhasco.

Continuei meu mergulho. E vi agora coisas lindas.
Vi a musa onírica. A beleza da natureza pura, limpa. Linda.
Suspirei e senti o perfume da mirra, do almíscar e de toda sorte de perfumes que as folhagens, o orvalho, a terra, a grama, o riacho poderiam oferecer. Senti a paz. Há beleza ainda neste mundo!

E quanto mais profundo mergulhava, mais experiências agradáveis tive o prazer de provar. Do rochedo ouvi a lenda do amor. Souu-me tão linda quanto a melodia dos pássaros silvestres.
Havia o que cantava o retorno ao lar. Ainda o que chorou pela morte de alguém.
Outro me derramou a natureza. E ainda outro me explicou o coração.
Já não lembrava da horripilante trança que havia visto outrora.
De tão profundo oceano retornei então.

Ainda pensas que do lago mundano deveria eu ter bebido??

Quintino

São sete as pétalas da rosa do amor
 O indício do bem querer
 Seus rastros conduzidos pelo vento
 Torna magnífica a beleza da primavera

(1)

Um das sete pétalas despenha-se:
 A pétala dos sonhos, da esperança.
 Consigo a virtude de suportar.
 Navega no mar dos romances incertos.

(2)

Outra se desprende da sua natureza:
 Cai com fervor no oceano de intriga.
 Que desespero, faz sonhos se ocultarem
 E naufragarem para sempre.

(3)

Uma surpresa! Outra se separou da flor.
 Trouxe promessas de dias melhores
 Em suas pétalas: "nao se preocupe"
 Que satisfação!

(4)

Derrubada outra pétala:
 Que dor, que dor, que dor...
 Magoa tanto, que tristeza. Quanta magoa.
 Pétala das ilusões. O tempo cuidará de ti.

(5)

Que cheiro essa peça da corola das flores:
 Exalas o perfume caloroso da amizade.
 Quão importante para vencer as ilusões
 Quão importante se navegar em nossos corações.

(6)

Passado, passado, passado
 Porque continuais a interferir nesse presente
 Estais aqui para mudar o futuro.
 Quão perigoso sois vós, mal criado.

(7)

Afrodite vulgar, Afrodite vulgar
 Entrastes para o bem querer do amor
 Estais aqui para contemplar, celebrar,
 O amor do apaixonados que te merecem.

Meu coração jovem, doente e transtornado
 Suspira por dias melhores...
 O calor dessa flor desconhece minha tristeza
 Pois estou a passar frio.

13 de outubro de 2005

Leopold

Gato alado voa pro sol
Oh de alma quero perder-me
Oh de vida quero sangrar-me
Vem e vai num ritmo ardente

Vem no céu e desce azul
olha o vôo tão dorsal
olha o ser tão divinal
Agora nasce uma estrela

Então vai gato alado
voa de novo pra gente
como só você sabe
como só você faz!

Como nada que já vi
e o peixe nada bonito
e o peixe nada bonito
e o peixe nada bonito

Capítulo II

A sensação de impotência e inferioridade se revela diante ao mundo e à mulher, que desta vez aparece glorificada, característica do gênero romântico, grande influenciador dos textos deste capítulo.

Os absurdos de uma humanidade terrivelmente desregrada e imoral se apresentam como um fato quase irreversível que agride profundamente a sensibilidade dos escritores.

O desânimo invade suas almas, principalmente a de Quintino, que transtornado consigo mesmo por agir de forma imoral se sente contradizendo suas próprias ideologias puristas e tal sentimento se revela em versos.

Começa-se a criar o cenário de desesperança e decepção que permeará os futuros textos de ambos.

12/10/2005

Quintino

Estou eu a ponto de explodir em cólera. Por que este coração que se pregava em coisas belas da natureza se tornou tão bruto e meticuloso? Onde estará o meu sonho? As grandiosas, esplendidas e estrondosas cores que cercavam de brilho meu alvorecer, tornaram-se cinzas a ponto de me deixarem cego à beleza. Estou aflito, a ponto de cortar meu coração aos pedaços, pois se és fonte dos sentimentos, por que deixastes os meus voarem com os pássaros que já não me trazem paz?

Supliquei ao vento que os trouxessem de volta, mas de nada valem mais minhas promessas. Seqüestrei os mais preciosos valores da vida, mas de que valor tem isso para ela, em um mundo tão medíocre e miserável? Não quisera o resgate. Contemplei os mais diversos lírios do campo, junto com a mais frondosa árvore do jardim. Meus olhos já não enchem-se de lágrimas com as belezas da criação.

Estou eu a dois passos de desistir. Pois tenho eu convivido com a ignorância, misturando as minhas virtudes tão treinadas em meios tão ocultos as doses que me tornaram quem eu sou. Oh varieis os assuntos, pelo amor de Deus, me dai um pouco de alegria...

Pois bem...

Caso minha alegria não chegue, estarei pronto a entregar ela ao solo... Ali talvez pereçam esses meus pensamentos, que tanto me fazem sofrer.

26 de outubro de 2005

Leopold

De manhã é ele quem guia o sol
percorrendo o corriqueiro caminho
o orvalho tenta impedi-lo em vão
rege a terra, soberano do campo

As ervas temem seus pés
as flores receiam suas mãos
é sempre insensível o destino
- o colhedor de flores.

12 de novembro de 2005

Quintino

Já escrevi melhores peças
Já li melhores contos
Já ponderei por peculiares frases

Hoje acompanho a desgraça
Hoje me encontro doente
Hoje caí em desespero

Toda lagrima em meus olhos
Todo aperto do peito
Cada expressão ignóbia

São frutos da ignorância
São frutos desesperançosos
São flores desprovidas de cores

"Palavras são providas de sentimentos, atos são providos de volúpia... eu sou provido de dor"
Procurei a cura, achei a doença... Já bastava uma, acabei por achar duas."

Chorei, chorei e engasguei
Engasguei, engasguei e provei da dor
Provei, degustei e acabei por cair em prantos
Com minhas mãos na face me escondo e me arrependo
Rogo a Deus a todo instante... e a dúvida me mata.

Se nao fosse a culpa nem o transtorno
Talvez eu tivesse uma luz... Mas desisto... Desistirei amigo
Cá estou eu oprimido em dores de culpa...
Foi boa essa vida...

Adeus, Amigo, Adeus.

26 de outubro de 2005

Leopold

Oh caro, lembro hoje daquelas noites
tão funestas e alcoolicamente secas
a batida ritmava o nosso coração
Nossa amizade era maior à noite

Lembro de quem nunca mais verei
de quem foi muito amigo meu
e que nunca mais verei
Mas que não me deixaria são

Não tínhamos mais casas
não éramos mais de uma família
éramos libertinos da noite
ritmados por aquela batida tão nossa

Éramos nós contra todos
e isso nos aproximava mais
Eram noites de sonhos
Sonhos tão desejados

28 de Janeiro de 2005

Leopold

(No trabalho)

Amigo, muito sinto ao admitir que consolo a altura não poderei lhe
oferecer. O ambiente profissional petrifica meu coração.
Agora, me diga? Isso já não foi consolo suficiente para você?
Porque, afinal de contas, o ser humano é tão egoísta que
o simples fato de estar ciente que seus irmãos estão em pior situação já se
torna consolador, embora você mesmo continue na mesma.. OH, DEUS!

Leopold

Ma Muse

Ma muse conseiller à moi
 Seulement pour regarder
 Donner me le savoir
 Je sors fortune a rimer

Au travers de triste vie
 sa distingué benignité
 pour a me der a mie
 peu cependant imérité

25 de setembro de 2004

Quintino

Caminhava sobre a grama verde, relva nascente que se estendia a ponto de perder vista o majestoso cerco que envolvia os seres. Nada contemplava, deixara os louvores de lado.
 Tornou a deixar a trágica melancolia dominar seu Cosmo.

Indagava à felicidade. A felicidade não o respondia.

Clamou em alta voz, e eis que surgiu uma bela Orquídea do solo em meio àquela vastidão, reluzente ao sol, fazendo curvas lentamente, até que ganhou uma forma devidamente apropriada a sua natureza.

Plangente a vida, observava aquela flor gradualmente, recolhendo seu olhar ao brilho do sol, forçosamente abrindo os olhos à apreciar tamanha beleza.

Via-se na flor a felicidade transparente e tornava-se um tanto mais bela a cada instante.
 Ao caminhar e ter o desejo de toma-la para si, hesitou um momento e ponderou:

"Estaria eu a ponto de atuar em tal desastre por tirar a felicidade extrema de algo tão peculiar no mundo?
 Estarei a insultar Demetér e cavar meu sepulcro?
 Oh, que fazer agora?
 Invejo-a orquídea.

Pois estaria eu a cometer um crime a humanidade...
mas queria por certo momento
tê-la em minhas mãos para saber o porquê de tua felicidade.

Flor minha, flor exuberante em prazer,
Estais aí a contemplar o mundo? Por quê?
Tu observas o mundo
e fazes em uma posição invejada.

Transparece em ti a felicidade
e eu que nem cheguei ao menos perto da alegria
Acaso encontra pensamentos em ti, minha querida?
Não, certamente. Pois por tua felicidade, pereceram os pensamentos.

Que inquietação encontrastes o meu espírito,
Motivo do qual me fadigo constantemente.
Preso a natureza primordial,
preso aos pensamentos estupefantes

Tome, leve minha vida
torne-se ela parte da tua,
conceda a mim momentos,
sim momentos, de felicidade nua e pura"

Ao terminar estas palavras, o homem sentiu seu espírito aquietar,
tornando-se assim um lindo girassol, pois estava cansado da
escuridão que o mundo lhe trazia, ficara de hoje em diante
submetido a vida dessa flor que se esconde de medo ao ver
a escuridão chegar e tornou-se um discípulo do sol
acompanhando-o a cada passo.

3 de outubro de 2004

Leopold

Poema é impossível compor
A descrever teu virtuoso ser
Pois nem a beleza do verbo mor
Pode tua presença merecer

Inefável, Indizível me parece
Pode haver no Lácio um vocábulo
Que a altura de tu' alma mece
Ou número que caiba no tábulo?

Se hoje escrevo tais versos
Para missão tamanha não ousou
Entrego 'qui meus sentimentos imersos
m'ia poesia em outros temas terá pouso

22 de fevereiro de 2006 16:28:30

Leopold

Olá amigo!

Desculpa estar te escrevendo. Acontece que não tenho ninguém para conversar ou mandar e-mail. E o ser humano foi feito para se relacionar. A todo o momento. Eu tenho tanta coisa pra falar! Mas não tenho quem me escute. A poesia é uma boa saída, mas não tenho inspiração nesse ambiente.

Não, não estou triste. Ao contrário. O que me fortalece a cada dia, é a vontade de viver, da qual não consigo me livrar. É o bater de um coração louco para bombear a vida por minhas veias.

Vou escrever-te um conto agora (ainda não sei o que, mas vou escrevendo):

Quando filhote, aquele pássaro foi capturado. Mal teve tempo de voar. Sua gaiola, a principio, era apertada. Apenas um poleiro. Aquilo para ele era o mundo. Com o passar dos dias, sua cauda alongava, suas asas, estendiam. Sua penugem agora era plena, de uma coloração única. Sua voz era linda. Ele sabia disso, porém, nunca se sentiu realmente motivado a cantar.

Um dia, visto a admiração de seu dono, ganhou nova morada. Três vezes maior. Três poleiros. Em um lugar realmente privilegiado do quintal. A principio

gostou da idéia. Sentiu-se realizado, feliz. As outras aves da casa sentiam inveja e dariam tudo para estar em seu lugar. Porém, voltando a sentir sua costumeira melancolia, não demorou muito para perceber que o problema não era o tamanho da gaiola. Não era a quantidade de poleiros. Era ela. A gaiola. Nunca havia reparado, mas era aquilo. Grades a seu redor. Os pássaros realmente não entendiam seu descontentamento, e o chamavam de ganancioso. Talvez fosse, realmente. Ele sabia que estava sim, incomodado, insatisfeito.

O pássaro ancião um dia lhe disse (é sabido que os anciãos são muito sábios, e como dizia um velho ditado, 'a verdade geralmente está em seus bicos'):

"Não queira sair de sua gaiola. Nunca aprenderia a viver fora dessas grades.

Não há alimentação nem habitação fácil nesse mundo.

Agradeça pelos seus poleiros e pelas suas sementes de toda manhã."

Ora, um dia houve grande incêndio no quintal. Não se sabe ao certo como começou. As labaredas vieram rapidamente por baixo de sua gaiola. As grades metálicas começaram a aquecer. Os poleiros, extremamente quentes. Nosso pássaro não podia se manter sobre eles. Tentou voar. Em vão. Nunca aprendera a voar. E, mesmo se soubesse, estava preso ali. Morreu queimado em sua bela gaiola.

20 de novembro de 2005

Leopold

De percorrer em vã procura
De um nada, do obscuro, já me basta
Hei de fazer em algum canto
Levar à terra apenas o que dela trouxe.

E tu, mancebo que lêes estas palavras,
Não dêes a elas alguma importância
Continue seu persistente caminhar
Não esmoreçam elas teus passos

Pois antes de me tornar este velho prematuro
Fui um sonhador, assim como tu
Acreditava que o mundo poderia me trazer
Satisfação e felicidade, caro mancebo

Mas um dia meus olhos se abriram
E meu coração se fechou
Nesta vida não encontrei razão
Nem consegui nela sonhar

Levou-me ao desânimo
Pôs-me no peito um túmulo frio
Nos olhos uma cortina nebulosa
E pelos pés me acorrentou ao seu descaso

22 de outubro de 2005

Quintino

Desacato a autoridade. SENTIDO!!!

Desacato ao povo. Mãos na cabeça!!!

Que alguém se importa com o tempo perdido em um espetáculo, que passado verídico.

Que se importam em nos roubarem a cultura e prenderem o artista, privando-o da vida:
Verdadeiro.

Causaram tumulto; não nos explicaram... O espectador, tratado como espectro: é visto, mas sem conteúdo. Está ali por estar e não tem nada a acrescentar. Quanta barbaridade. A virtude, ética, Respeito e valores se degradam a cada dia... O poder do povo não é mais o poder de deus. Abaixo Assinado. Abaixo o cacete. Não se fala mais nisso... e não ponha suas mãos em nós. Até parece que colocaremos nossas mãos em pessoas que matam a cultura deixando delinqüentes matarem nossa gente.

Capítulo III

Retomando a tendência negativa do fim do capítulo II, Quintino e Leopold chegam talvez ao auge de seus escritos, que ganham cunho primariamente poético como uma resposta aos textos em prosa que tivemos anteriormente.

Nesta fase, ambos tornam o amor seu tema principal, por isso a predominância das poesias. Leopold repete insistentemente sua falta de fé em uma paixão que brota, vendo-se num futuro em que o amor que vive só terá deixado lembranças e saudade. Quintino molda sua identidade como escritor ao insistir no tema humano e suas decepções sociais.

Aumenta a preocupação pela construção dos textos, na sua formação rítmica e percebemos também a evolução técnica.

25 de novembro de 2005

Leopold

Renego hoje ao amor.
 Que estas páginas, outrora testemunhas de antigos afetos
 Declarem agora o caminho ao qual mo direcionam
 Sendo sabido e público que não sem tentar me esvaio
 Porém mui ferido e causticado por amores vividos.
 Vou-me assim, sem deixar saudade nem mágoa
 A ninguém, senão a mim mesmo.

Renego hoje a amizade.
 Cunho e oficializo agora que dela desesperanço
 Ao ver somente as costas daqueles a quem o peito abri
 Não sem antes com flechas o atingirem
 Do próximo conheci apenas ingratidão e desprezo
 Ao necessitarem ofereci-lhes a metade de minha porção
 E hoje me tomam o prato.

Renego hoje a mim mesmo.
 Que o escrito possa expressar o que não posso dizer
 E registrem o fado de quem se vai indigente:
 Quem não foi amado nada deixa neste mundo
 É a gaivota que desaparece na névoa sem deixar marcas.
 Não haja espanto por eu mesmo renegar-me
 Fui o último deste mundo a tentar me encontrar.

22 de janeiro de 2006

Quintino

Exímio Amor

Ilmo Exímio Amor
 És puro, limpo, correto e virtuoso,
 Haveria no cosmo companhia mais agradável?
 Qual motivo teria de da-lo a outrem?

Existe a lei que me obrigue a compartilha-lo?
 Dá-lo-ei a quem merece.
 Entretanto, existirá também a lei que me mostre
 O ser que o mereça?

Cantarolei para ti, oh meu amor.
 Prosa e poesia fizeste-me construir

Por que haveria eu de abrir mão de ti?
Caso o dê para alguém, esse alguém de ti cuidaria tão bem quanto eu?

Tu és meu, só meu.
Não terei de dá-lo
Algum gatuno poderá o roubar, isso é verdade
Mas de boa vontade, daqui não sairás.

25 de janeiro de 2005

Leopold

...e hei de lembrar-te
nas noites frias
em que o tição caloroso do peito
consumirá vagarosamente
o imperfeito pretérito
da utopia que hoje criamos
Ao vivermos
nossa vindoura amargura
sussurrando,
implorando a nós mesmos
cada momento de possível lembrança
potencialmente
futura e aflitiva
para então
podermos degustar
envoltos por nossas respectivas auto-piedades
cada amargo gole de vida.

26 de janeiro de 2006

Quintino

Esperarei por ti a cada entanto,
No porém do tempo que me deres

Conduzir-me-ás no primor dos rumos
Longevo se quer os dias que tiveres

Entre mundos, entre vidas...
Entre luas, entre dias...

Contudo, com nada...
Fora do entanto e muito obstante.

Com clareza, que se torne amiúde
Nosso amor florescerá,

Embonecada estranha, com madeixas arco-íris
Suspiroso, sou teu amado.
Caíste em meus braços.

30 de janeiro de 2006

Leopold

De tudo
que restar
de minha presença
tu serás
a mais fiel lembrança
do que um dia fui.
E irás comigo
(assim como disseste)
aonde quer que eu vá
Em gestos
palavras e olhares.
Mas por eu não ter-te
serás lágrima.

02 de fevereiro de 2006

Quintino

funeral

Nas paredes flores mortuórias
Entrelaçam a aflição dos presentes
Fitações no vácuo, no vazio e no profundo
Com dores pela privação de um homem

Foste privado de outra dor
Tumultuoso como a *Ágora*.
Compassos ao som da flauta
Seguindo o som da harpa

Ele emerge ao meio mutuado
Transbordando pétalas negras
Trazendo consigo o crisol
Que foste antes deixado no antro

Sai da tumba, entre as pessoas
Causa espanto em meio a sombra nos olhos
Borrados com lágrimas de dores
Trazendo atrás de si o vulto

Espectro depressivo
Caminha passivamente
Descobre um mundo de dores
E volta a seu descanso

04 de fevereiro de 2006

Leopold

Aperta-me ao peito sem saber
que vou embora.
Banho teu colo com lágrimas
cujo motivo desconheces
e ignoras que amanhã
serão as tuas lágrimas que escorrerão
pelo peito de teu próximo amante
ao lembrar e entender
porque aquele que mais te amou
um dia chorou.

05 de fevereiro de 2006

Quintino

Por onde andaram nossos refúgios?
Onde estão nossos Gênios?
Diga-me se estão caminhando por entre as flores
Ou estão jazendo em meio a elas...
Como são inúteis...

Por onde andou nosso amor?
E onde se esconde nosso sentimento?
Diga-me se estão em meio a multidão
Ou se já se esgotaram as últimas gotas que restavam.
Como são inúteis

Por onde andam os princípios?
Por onde andam os ricos de espírito?
Diga-me se estão eles vagando em nosso meio
Ou se perderam em meio ao mundano.
Como são inúteis.

Por onde anda a vã vaidade?
Onde se meteu a nosso mal interior?
Continua ele a se afastar da gente
Ou estão eles acabando com nosso coração?
Como somos inúteis

16 de fevereiro de 2006

Quintino

Minha criança, minha queridíssima.
Sois mais algum de meus amores amnesiásticos?
Não tens peito materno, não tens nome,
Tens apenas o que me completas, e eu assim vice-versa.

Conseguistes ser aquilo no que me animo,
Tens, porém, o dom daquilo que repugno,

Amor ambíguo, dois em um, vós sois.
Nada disso é um problema, pois...
O que me clamastes algum tempo atrás
Comprovou a união de nós dois:

É o seguinte, e o seguinte foi dito:
"De nada adiantaria, e o nada vós terias"
E sobre isso lhe indago:
"Meu amor, o que seria do tudo... se não houvesse o nosso nada?"

20 de fevereiro de 2006

Leopold

Maresia

Sua presença é para mim
a benção que inutilmente busco
guiado pela tola inconsciência do amor
Tendo sua silhueta, sua imagem
E sua respiração
que agora constantemente sinto
ao bater-me o vento carregado do mar

28 de fevereiro de 2006

Quintino

Dois Jovens caminham no bosque.
Olhares ardentes, e desejosos,
Mal sabem do mal que os espera,
Quão triste será quando os dois partirem.

Dois Jovens passeiam no parque...
De mãos dadas selam seu futuro,
Com lábios fazem as juras de amor,
Com seus corpos lacram seu sepulcro.

Amores juvenis, entre desespero e ternura,
Passam seus amores de mãos em mãos
E como a areia do mar, os grãos do amor,
São deixados ao chão... Se perdendo no espaço.

03 de março de 2006

Leopold

Dias Vividos

Dos dias deixados
restaram dores
tão intensas quanto as alegrias de outrora
tão profundas quanto a paixão
que rasgava-me o peito
ao deslizar-lhe beijos.
Restaram promessas quebradas
e juras esquecidas
poemas inacabados
e a flor ressecada
que passou por seu corpo
e que até hoje marca
a mais bela página de nossas vidas
Dos dias deixados
restam todos os dias
que dividiríamos
e faríamos com que fossem
dias vividos

29 de março de 2006

Quintino

Se quiseres, então haverás de pedir...
Mas não cobres aquilo que não lhe devem.

Faça bem a seus olhos...
Mas pondere antes,
Caso eles estejam irritados.
Isso é fundamental.

Após tua alma partir dentre nós,
Ficarás por um tempo esquecida
Até que tuas obras fiquem amostras
E tuas idéias se tornem expostas

15 de abril de 2006

Leopold

Não esperes uma carta minha
- não quero ser apenas mais um envelope
na sua lata de recordações
onde guardas tantos amores passados
e que já foram eternos

Não quero que minhas páginas
perfumem as fotos daqueles
à quem um dia disseste Eu te amo
Pois meus versos não encontrarão rimas
em poematos de quem não soube te amar

Não quero ser confundido;
dividir tuas futuras lembranças;
ser um troféu de exposição.
Nem quero minhas palavras como insígnias
ganhas em despojo na iminente derrota do amor

Quero sim voltar todas as noites
tocar-te o corpo e sentir teus lábios
erichar tua pele e inflamar de paixão
numa manifestação palpável e complexa
de sentimentos recônditos

Cuja pungente pressão tua pele não suportará
e então serei lembrado
ao acordares ao meio da noite
banhada de suor e lágrimas, pulsando
uma imensidão de sensações

que nenhuma palavra escrita te traria.

22 de abril de 2006

Quintino

Está vendo só, lá longe...
O menino jovem de cabelos grisalhos,
De corpo atlético e coração doente?

Todo fôlego carrega na alma,
Todo sonho carrega nos olhos..
Sua alma, corpo rude e prepotente.
Seus olhos, desejosos, fundos e sem brilho.

Toda paixão do dia a dia...
Que necessita por sua natureza,
Cada dia uma luta contra si...
Não vê a hora de dormir...

Ele que deveria viver, e sair...
Todo o mundo aos seus pés...
Ele descansa, diz esperar seu destino
Que dos homens, o único é a morte.

29 de abril de 2006

Leopold

Tempo e Espaço

Naquele tempo hei de acordar
e perceber quão longe estou de ti
Ironicamente entenderei
o quanto te amo
com a certeza que serás
para sempre
minha querida esposa
ainda que nunca tenhamos nos casado
Viverei todos os dias
movido pela esperança de que me amas
onde quer que estejas,
aonde quer que eu vá
mesmo que o amor seja relativo
ao tempo e ao espaço.

02 de maio de 2006

Quintino

Até certo ponto os humanos têm a liberdade de serem livres pensadores, sendo que esse certo ponto não existe em nossa natureza, porém está presente em nossa sociedade.

Os homens criticam, e fazem jus, por poucas vezes. E sua felicidade é o ponto de requisito mais visado, tendo em foco algumas prioridades vitais.

Aqueles que acreditam no destino, esses levam-me ao delírio tão cômico que me deixa assustado. Como poderia a formiga, tanto trabalhar estar resmungando de sua obrigação que foi predestinada a carregar folhas? Estaria o homem que acredita em destino estar lamentando sua vida? Esse está destinado a morrer. Que celebrem assim sua morte e não seu nascimento, pois com a morte findou-se seu objetivo real.

07 de maio de 2006

Quintino

Aqui do lado de dentro, há também o desespero.
O quanto precisei para descobrir a virtude?
Quase tanto quanto demorei a descobrir o que é bom
E o quanto minha tranquilidade é de proveito.

Cansado de estar perdido, resolvi me perder...
Perdendo-me, me achei, entre tantas outras coisas.
Faz tanto tempo que os livros me dominam...
Resolvi guarda-los pra ver a falta que faz.

E da distração, o que posso dizer?
Pra que dizer? Se na distração perecem os pensamentos
Da escassez dos pensamentos floresce a alegria...
Quem não sabe que os livros estão repletos de tristeza?

Até em uma estrondosa comédia... Há nela a tristeza...
Pondere por um certo tempo. 5 segundos...
Perceberá que já não pensas mais na comédia,
E sim no que deixastes pra trás naquela vida.

08 de maio de 2006

Leopold

Chamei-te apenas pra dizer adeus
e no entanto
não pude.
Fica então assim:
um ultimo beijo
um ultimo olhar
e apenas mais uma lágrima.

23 de maio de 2006

Quintino

Eterno apaixonado...
Para sempre na ilusão
Nunca amarei de verdade...
E faço disto minha busca... Estar só!

Eterno apaixonado,
Viverei na minha ilusão...
Que do meu universo criado
Foi feito o real para eles...

Viva a ilusão... Viva o nada...
Viva a solidão... Viva o desespero
E o medo de estar só... Que se nao fossem eles...
Os fracos nao teriam felicidade...

Viva o eterno apaixonado...
Pois que da ilusão foi feita a realidade crua e nua

Capítulo IV

Após se prenderem em temas repetitivos e pessimistas, Quintino e Leopold começam a variar e experimentar novas construções e linguagens, como uma maneira de evolução própria.

No entanto, tais experimentos duram pouco tempo e novamente retornam aos temas que mais lhe afligem, pois nesta fase já começaram a criar personalidades literárias próprias e não conseguem fugir do que realmente agride suas almas.

Em certos momentos, principalmente em Leopold, se vê como a agonia se tornou grande demais para ser exposta de maneira subjetiva e agora são reveladas explicitamente, como um desesperado desabafo. Quintino enfim se rende à paixão, como se percebem nos últimos textos deste capítulo.

As pessoas e os próprios escritores são postos em evidência e seus costumes criticados.

03 de março de 2007

Leopold

Eclipse Lunar

Astro, não suma assim
tão de repente
fique um pouco mais
aonde vai com pressa?

Lua, agora que isso?
só restou-lhe o fio
então, vê se volta
porque faz falta

Negro o céu está
mas... quantas estrelas!
De tão brilhante a lua
sumia as pequeninas

Então, o quê, Lua?
Agora dá de aparecer?
Já não te quero mais
volta pra onde estava.

Leopold

Apolo

Airoso passeia por entre as mulheres
que olhares o lançam em lânguido afã
se fores garota e não o quiseres
ou és tu bendita ou és de satã

De formas tão largas e resplandecentes
seu corpo, um modelo do que é belo ser
de mui fortes braços já são indecentes
quais pernas tão grossas incríveis de as ter

Em seu caminhar nos atija à mente
tamanhas perguntas que não nos convém
e assim continua seu passo fremente
sem nunca dizer-nos de onde ele vem

E indo embora sem ter piedade
deixa-nos apenas o que lhe roubamos:
memória de teu rosto sem igualdade
Apolo, agora a ti nós saudamos.

10 de junho de 2006

Quintino

As rosas do jardim amargas se tornaram,
Daqueles lindos pássaros que cantarolavam
Em meu amanhecer, restaram os ninhos desolados.
O odor da caminhada em paz não me traz mais tranqüilidade.
E o desejo de ser quem não sou, e a vontade de ter o que não posso
Fazer o que não devo e encontrar quem não existe
Tudo isso ajuntado com a realidade que me cerca
E com a fantasia que me abandona... me tornaram tão frágil.
Em meus lábios encontram-se as lágrimas
Que dos olhos já não fazem mais parte.
E dessas lágrimas que não se achou espaço para elas,
Fizeram um caminho dolorido, igual aos meus dias.

03 de julho de 2006

Quintino

O andarilho lunar

Em seu caminhar, seus olhos ao alto, ele vê:

Solitária, andarilha noturna.
Por entre os lençóis brancos da noite,
Esconde-se com tal medo brilhante
Cintilante no topo do céu.

Fracionada em dois opostos
Contornada por sombra e luz.
Assim ela caminha cruzando o céu,
Atrás de si, o rastro de lagrimas brilhantes.

Por seu percurso estais a vagar em vão
Um azul ciano no horizonte... Clareando a escuridão
Sua sombra já não mais tem destaque
E os raios do sol, a deixa azul como o céu.

20 de julho de 2006

Leopold

Un grand et beau poème français

De tout vécu et tout fait
qu'est-ce qu'i peut apporter à mon avantage?
de beaucoup de choses de la souffrance
et beaucoup de gens désagréables
est-ce qu'il y a cela qui pour moi maintenant?
et de toutes les femmes qu'i aimait
et de tout l'ami qu'i avait
qu'est-ce qui fait posé de tout ils?
de tous les poèmes écrits
de toutes les chansons composées
qu'est-ce qui fait des restes de beauté?
de vie, de ma vie courte et triste,
de qu'est-ce qu'i peuvent se souvenir
qu'est-ce qu'i peuvent rentrer fierté?
devez était mort il y a beaucoup d'années
et il n'eut ne fait pas différence
parce que tout qu'i avait fait
ne faites aucune différence pour n'importe qui
tout l'amour qu'i donnent
ne faites aucune différence pour n'importe qui
tous les poèmes qu'i avait écrit
bien, personne ne les a lus
toutes les chansons qu'i a composé
personne ne les écoute
et c'est un poème d'un indigent
qui habitait dans un monde
où la vie sociale
et où votre image
est plus important que vous
donc, ce chemin qu'i vont loin
c'est la fin

27 de agosto de 2006

Quintino

Ler é refletir, e refletir é existir.

Descartes afirmava que não somos um mais racional do que outro, visto que todos temos a faculdade do raciocínio.

O que diferencia as opiniões é a maneira que vemos as coisas e a quantidade de coisas que analisamos para formular a opinião.

A faculdade de raciocínio humano é o que nos diferencia em especial dos outros animais. Com ela levantamos questões, defendemos idéias, desenvolvemos projetos, nos relacionamos com outros, etc. Mas como toda faculdade ela necessita de treinamento. E é aí que a leitura se torna importante.

Pelo simples ato de ler encontramos grande parte das experiências filosóficas, históricas e poéticas que transformaram a nossa sociedade e influenciaram o mundo político e social no decorrer dos anos. Também percorremos o mundo pelos olhos dos maiores pensadores que existiram na Terra. Fazer da leitura uma atividade é estar exercitando as virtudes e pensamentos que são de suma importância para nossa transformação social e intelectual.

15 de setembro de 2006

Leopold

Nem o mais doce adeus
poderia suavizar
a dor de partir
Então como dizer
que vou para não voltar?
Farei o impossível
para entenderes que ir é preciso
e a melhor opção
Embora realmente talvez não seja
Ah coração!
O que vejo agora são dois caminhos
dois caminhos de aventura
se vou não sei aonde
se fico não sei onde
Vive-se de escolhas
enquanto se é só
Perdoa-me quem amo!
Perdoa-me!
Se parto, então é por ti
e te liberto, não te deixo.

20 de setembro de 2006

Quintino

Estou aos nervos,
Aos que me querem e aos que me repugnam

Fiz aos redores o que esperam de um ser pensante
E o que se esperam de um irracional

E aos poucos, aos poucos... lentamente
Dilacera, destrói, dissipa... E derivados.

Enriquece as virtudes
Fraquejam as pernas, empobrece as dores... Envelhece a alma.

Acusado, acusado, apontado e humilhado
Nem sequer pude me defender
Traído, e soterrado pelo coração
Que o mesmo Goethe dois séculos me avisou.

Como queria, como queria eu... Desejo que não me perdoes.
Que se vá com o vento e com as flores.
Assim chorarei com motivo de não te-la por motivo
E não pelo motivo de não te-la sem motivos.

Sei também que amanhã estarei bem
Que amanhã será o amanhã... E não te verei.
Pode ser o amor, pode ser o amor.
Talvez o amor? Pode ser o amor.

27 de setembro de 2006

Quintino

Por três dias sonhei com isso...
Por dois dias permaneceu em mim...
E um dia tudo acabou.

Garotada irritada, jogando bola descalço...
Mãe gritando da janela, menino corre de medo...
Perigo na rua, carro passando... Olha a graúda.
Plantinha se esguelha... Pétala no chão...
Menina chora, garoto ta nem aí...

Garoto sem pai nem mãe... Achou um trocado
Achou trocado no bolso do homem
Por esse trocado a gente liga...
Mas por trocarem seu futuro... Tão nem aí.
Trocaram seu violão por cola,
Trocaram seus livros por droga

Disseram que não foi por culpa,
E a culpa por isso... Ninguém sabe.

05 de outubro de 2007

Leopold

No intervalo das aulas
jogava truco
não que gostasse das cartas
mas era minha maneira
de não estar só

*Quintino**Os pássaros*

E quando não se tem esperança,
(pandora não fora tão ligeira assim.)
Todo o saber de minha vida medíocre
Torna-se obsoleto em ti, EM MIM.

Em mim, em ti... Em nós.
Quem somos nós? Duas almas que Zeus
Separara em meio a revolta dos seres?
Diante do monte fizera duas de uma.

Estar presente em ti, em minha vida
É estar presente em tudo que se deve,
E tudo que há de pertencer a ti
Tem o toque magnífico do universo.

Não possuo superpoderes,
Não sou o rei da moda.
Auto-estima não é tão estimada
E minha ternura se perde em meios rudes.

Mas por saber de tudo isso já me é suficiente,
Saber o motivo das deixas, das somas, das tristezas
É tão bom quanto a certeza de se estar certo.
E a certeza que tenho em ti, é que em ti não serei tão bom, ao certo.

Querer dar o que não se tem,
Querer ter o que não se pode
Fazer por ti o que a ti pertence.
Isso não me é permitido, OH!, Por Céus:

Se te fizessem uma divindade
Permitido não me seria, contempla-la, louva-la.
E se por vezes penso em amar-te
Por outras caio no real. Deixar-me-á.

Talvez como os pássaros que quisera
Um dia para ti, quando abri seus olhos
E mostrei quão belo são soltos,
Fará ti o mesmo comigo?

08 de outubro de 2007

Leopold

Ideal de Vida

Nada quero ter
A ninguém me apegar
e no dia que partir
nada deixar
nem mesmo saudade
Naquele momento
Serei, talvez
Finalmente feliz

09 de outubro de 2007

Quintino

De todas as paixões que tive de nenhuma pude eu, extrair da paixão o seu verdadeiro perfume.
Engaiolado, petrificado, triste, triste, triste.
Da sua pele delicada e seus olhos desejosos, seu sorriso invejado, invejado... Quero pra mim quero pra mim... Desejo pra mim... Dói-me saber que nao posso ter... Dói dói dói...Sem dó magoa, machuca... Mata-me tudo isso... E eu soffro. Fez-se a minha vida um calabouço escuro e amedrontador.
Se essa minha natureza estupidamente meticulosa e calculada nao tomasse conta do afeto por ti.
Se meu afeto por ti nao fosse domado pela razões líricas e filosóficas dos livros que de nada sabem a meu respeito.
Se meu respeito a ti nao fosse a prova de amor que tenho pra lhe dar.
Toca-la???? Como posso tocar aquilo que é divino? E tudo que o homem toca, destrói... Destruir-te??? Perdoe-me Afrodite, mas tu me deixastes contristado mais uma vez... E me abandonastes quando mais precisava de ti.

E se eu ver-te em outros braços... Que fique bem lá... Não seja eu mais um entre os tapados que destroem tudo que tocam.

Até mais.

Leopold

Não te quero mais
Mesmo que ficasse
Partiria de você
Então te verei mais uma vez
Amanhã à tarde
Estarei em sua casa
Não para te amar
Mas para dizer adeus
E não espere explicação
Pois não a tenho

02 de novembro de 2006*Quintino*

Felizes os amantes.

Peguei-me a meditar sobre a arte
Que alegria nos dá.

Questionei

Há arte maior do que a arquitetura dos céus?
Maior do que alvorecer do dia?
Maior do que a feição do arco-íres?
Quão belo quão bom...

E de todas as artes, digo-te...
Que de todo o universo artístico
Não existe arte maior do que
A arte de criar arte.

E tu és a maior de todas essas...
E o pq é:
Criastes neste ser a arte de amar.

Leopold

Já vai o terceiro copo de café
E entra a noite - mais uma vez
Adornada pela desgraça
Que me impede de dormir
O que posso esperar
De uma noite de segunda-feira?
Guardei para o próximo fim de semana
Nosso adeus crucial
Deveria ir embora
Sem ao menos te olhar?
Economizaria na condução
Quantas cervejas podem comprar
O dinheiro de nossa despedida!
Ora! Tudo bem! Que seja!
Encontrar-te-ei
Por aquilo que um dia senti
Espero que não se demore
Direi logo adeus, boa sorte
Boa sorte na próxima!
Deveria assumir que rasguei
Todas as cartas que me enviaste?

Leopold

Ela nunca lerá o livro que lhe dei
talvez preferisse chocolate
ou um par de tênis
Como pude pensar
em lhe presentear com Goethe?
As mulheres são lindas
simplesmente como mulheres
para afago, carinho e amor
Mas Goethe?
Como pude dar-lhe isto?
O próximo presente
será um buquê.

19 de novembro de 2006

Quintino

Vamos, venhamos, convenhamos.
Subamos no palco, assistamos a peça.
Ou, pois melhor digo,
Participemos da comédia.
Da graça que sois no dia a dia,
Da festança que fazeis a cada tanto.

Somos atores, já não disseram os poetas?
Somos criadores da nossa própria peça.
E se assim for, mais profissionais não há.
E dessa terra de leis e deveres, quero os meus.

Por quanto tempo há de um profissional,
Que em toda sua vida pos-se a trabalhar,
Poder descansar e deixar-se ao encosto
Por ter feito o que deveria e pronto?

Minha vida teatral deixo de lado,
Deixei a muito os comentários aos atores,

Cansou-se meu personagem, e improvisou a saída.
Deixo a deixa... E o palco que tanto me fez rir

Fico a dispor dos comentários, dos malditos
E benditos que me acolheram e me ajudaram
Tanto fizeram pra me ajudar que me transformaram
Em um dos mais lúcidos do ofício magistral.

Percebo assim que já não farei falta,
É hora de sair e seguir caminho.
Fazer o bem e abrir portas aos que começam.
Deixar o exemplo é coisa difícil de se fazer.
Mais belo é faze-lo sem esforço
E minha hora chegou.

Leopold

És jovem, eu velho
 E sou para ti o alegre sonho adolescente
 Dos tempos em que a boneca
 Confunde-se com a vida
 Tentando me esconder
 Atrás do frescor de minha falsa juventude
 A pele 'inda é nova
 Mas o coração já não pulsa
 E sou assim
 Teu falso sonho de menina

15 de dezembro de 2006

Leopold

Tornaram-se os dias sombrios
 A noite toma-me como mais uma
 de suas obscuras criaturas errantes
 Desesperançadas
 Quando o pranto já não basta
 Afluem-se pensamentos nunca dantes navegados
 Que me levam à inevitável queda
 Do que parecia tão distante
 E ao sabor da correnteza
 Sinto a ânsia do amargo balanço
 Que inebria, embriaga
 Tornando ainda mais dolorosa
 A agonia final

03 de janeiro de 2007

Quintino

Proponho-me a encantar-me com o mundo
 Entreter-me com as míseras rosas
 Acabo por perfurar os olhos do coração
 e entristecer a minha alma ao máximo

"Há tempo, há vida, há felicidade".
 Do que me adianta a felicidade?
 Esta felicidade genuína misturada aos porcos?
 Não quero! Quero que minha tristeza me enriqueça

Há palavras no mudo?
Há discernimento do som no surdo?
Está o leproso em sua jornada a passar frio?
Eis-me aqui no mundo

Estreparia meu vigia na rosa
Para não mais presenciar tal penúria.
Enterraria-me no mais desamparo possível
Para não conviver no acalento dos medíocres

Leopold

Um temor supersticioso tomou-me hoje
Ao ser perseguido ao longo do dia
Por uma mariposa negra
Que me sobrevoou durante o almoço
E bateu-me à cabeça
Perseguindo-me ao meu quarto
Cujas portas e janelas envidraçadas
Mantive fechadas, enquanto minha perseguidora
Insistentemente voava
Em encontro ao vidro
Buscando-me
Após algum tempo trancafiado
Saí e deparei-me com sua presença
Pousada no batente da porta
Como a me esperar
Então me fechei novamente
E dentro do quarto permaneci
Por algum tempo
No entanto, após esquecer o episódio
Saí e não a vi mais
Minha sina negra no entanto
Entrou no quarto
Pela fresta da janela
E sobrevoou-me novamente
Estremecendo-me
Pousou. Olhou-me. Partiu.

16 de março de 2007

Quintino

Pois o mundo acabou por me desorientar.
não sei mais o que é real e o que é falso.
não compreendo meus desejos e angustias...
meus afetos e desafetos.

Não sei mais o que é o amor,
nem sei mais o que é a amizade.
talvez eu nunca soubera de verdade.
Porém antes, podia me ver enganado.

Todos meus amigos me abandonaram.
E todos a quem diziam me amar
Fizeram montante de acusações
E me deixaram a esmo para o Mau.

Nem abraços
Nem beijos
Nem palavras
Nem carinho
Nem amizade
Nem Dor
Nem mesmo a dor se faz constante
Se ao menos fosse constante
Teria alguém a quem me apegar
Ou ao menos, que se apegasse a minha Raiva.

Leopold

Éreis seres mutantes
Estranhos completos de abstinências
Perfeitos passados
Oriundos de um nada
De um quase já feito
E um quase retido
Foi simples lembrança
De um fado negado
De um fado perdido

20 de março de 2007

Leopold

O caminho marcado já fora completo
Repleto de passos refeitos de dores
Agora esperas, mas tens veemência.
Indouto de fato, com mui desamores!

E diga-me: outrora tu foste mesquinho
Ainda sentindo tamanha ambição
Mantinhas guardado teu fado no ninho
Que hoje malgradadas com devassidão

Refletes ou és chulamente carrasco
De um belo passado que tens recebido?
E toda a beleza repeles com asco
Demérito, sim! de fulgor embebido

Agora reprimes com falsa humildade
Tua vida, teu sonho, teu pouco tão tudo
E vês a cruel dor, amarga verdade
Vindouro destino, vindouro destino.

Capítulo V

As preocupações agora se direcionam à imoralidade e à desonra da humanidade, mas ao mesmo tempo revelam uma certa esperança na beleza e na razão. É o momento em que Quintino e Leopold se deparam diretamente com suas maiores dúvidas e questões, comprovando que o tempo e suas constantes análises sobre a vida não conseguiram sanar suas necessidades filosóficas e ainda por cima aumentaram a amplitude dos temas questionáveis.

Assuntos como moral, filosofia e amor são novamente levantados, porém, em grande parte dos textos é visível como focam a si mesmos. A transparência pessoal é maior e há menos experiências textuais.

09 de abril de 2007

Quintino

Nosso Trabalho Satisfatório.

Trabalhar?!

Acordo cedo! Meu café da manhã das manhãs de todas as manhãs dos dias, sem alteração.

Trabalhar!?

Movimentar. Ocupar-se. Aqui um motivo da existência do serviço. Exercitar a mente e ter um ofício é de tudo benéfico ao ser pensante, por mais que não aparente ser.

Já é de conhecimento do homem que a ocupação, acaba com nossos vícios que tanto viciam nossas vidas. Deixam a tagarelice em seu devido lugar: No silêncio. Destroem a preguiça e torna nossas vidas menos maçantes e tediosas. Pois então se manter em estado de ócio permanente não nos é de muito proveito. Tão pouco razoável.

Porém, se é trágico ou cômico eu não sei, mas tornou-se um hábito a raça humana visualizar com justiça que o nosso sustento deva ser ganho através de uma forma de ofício, principalmente o braçal. Não que seja vergonhoso, talvez seja o mais nobre dos ofícios... porém se somente o ato de ocupar-se já tem a sua recompensa, que de direito é mais direito ao homem oferecer outro tipo de pagamento se é das virtudes que se tira a felicidade do ser, e é através do trabalho que as virtudes são feitas visíveis?

Pois é, dessa ganância surgiu o dim dim, a moeda, o "ganha pão", o "ganha lixo"... Bem apropriadamente denominado.

Provavelmente algum esperto de nossos ancestrais que resolveu no coração que bater a paulada e a puxar pelos cabelos era uma ótima, maravilhosa maneira de levar a vida. A qualquer hora pular a cerca e pegar uma carne suculenta de seus vizinhos. A carne veio dos deuses e o fogo é natureza. Um cantinho bonito para se cobrir e aquela paulada na cabeça quando achasse necessário para suprir seus prazeres voluptuosos.

10 de abril de 2007

Leopold

Hipofagia

Cavalo tenro
Bom pro churrasco
Bom no meu prato
Cavalgue em meu esôfago
Descanse em meu estômago

13 de abril de 2007

Leopold

Chrisóstomo, palestremos à beleza
Discutamos a tal felicidade!
Pois a busco, a poetiso
Mas a desconheço!

Chrisóstomo, esqueça a beleza
E me fale do amor
Pois creio que amo
Mas igualmente o desconheço!

Chrisóstomo, filosofa!
Já leste todos os gregos
Então me explique
Para que nos servem?

Chrisóstomo, diga o que quiseres
E debatamos com rebeldia
Sem ter nunca conclusão
Pois nisto há certo prazer

não na beleza, no amor ou na filosofia em si, mas na constante dúvida.

14 de abril de 2007

Quintino

Tão Hipócritas quanto fariseus.
Tão medíocre quanto a nossa educação
Tédiosa quanto o nosso poder de fazer e não fazer.

Esse sistema é tão perfeito quando nós. Se não nos deleitamos nele,
É por pura preguiça. E quando essa nossa preguiça nos impedem de pensar, raciocinar,
encontrar é quando a acomodação, que é a cura de todas as dores, se manifesta no coração.
E todas as virtudes que são conseqüências de nossos incomodo e insatisfações são deixadas de
lado.

Eis nossa dúvida. Ser virtuosos, tendo em resultado a dor? Ser corajosos e fortes, duros resistentes
é preciso para a virtude ser plena e correta. Deixa-la de lado sim, realmente é o sinal da fraqueza.
Ter a preocupação e nao se acomodar.

Em contrapartida, estar resolvido a nao se preocupar com o próximo nos deixará em paz, por mais
paradoxal que isso pareça. E por fim de tudo, as virtudes e tudo aquilo que é nosso motivo de ser e
existir vão se acabar aos Muitos.

20 de abril de 2007

Leopold

Rótulas vacilantes e punhos frágeis
Dorso descarnado e coxas franzinas
Pescoço fino e cabelo descorado
Vergonha da espécie mais desonrada
- A espécie humana.

Não caminha, rasteja
Descamba na fossa
Nem ergue os olhos pardos
Aviltados para ver
Cegados pela estupidez

Oprobrioso
Indigno da mais vil baixaza
Seu nome, vilipêndia!
Tênia malcheirosa que digere
Corrói o desgraçado frago

Come o excremento
Maldito verme nauseante!
E morre! Morre como o inseto
Esmagado pela sola
Do pé imundo

22de abril de 2007

Leopold

Sede fecundos!

Somos fecundos e enchemos a Terra
 Enchemos de outros fecundos humanos
 Fecundamos sem ter escrúpulo
 Sem intenção de encher nada

Fecundamos por fecundar
 E sem querer enchemos a Terra
 De humanos ainda mais fecundos
 Fertilmente pululantes

Pululando fecundantes
 A Terra já desfertiliza
 Mas a nós o que importa:
 Fecundar e ser fecundos

03 de maior de 2007

Quintino

Haveria de amar, sem ter alguém para amar?

Eis algumas questões a serem levantadas pelos míseros humanos. Tendo sidos criados, o amor há de ser base em suas vidas. Mas a partir de que momento ele passa a surgir em nossas vidas?

Poderia esse ser magnífico, ou sentimento ser emerso do nada, como peixes do mar indo e voltando, cada vez que necessitamos dele? Há nele vida própria? O que haveria de ser o amor? Como se comporta o amor?

Há quem diga que ele é alimentado, criado, roubado, enfim... E há especulações bizarras em que nem deveríamos citar. Pois bem, digo-vos que por sermos criados, de uma natureza suprema, superior a nossa, há coisas que não é do conhecimento do homem, e outras podem ser compreendidas por simples lógicas ou indo mais além pela fé. Eros, Philos e Ágape, todos monstros de nossa natureza. Nascidos? Criados? Entendidos?

O que há dentro de nós, está repleto de segredos... E o que há em nossa mente são desejos... e que belos desejos... Esperando, ansiosos de algo que o possam saciar. Sabedoria e respostas são o alimento. Mas nem só de conhecimento um homem é capaz de apreciar as belezas de nossa vida prazerosa. O que há de mais importante no amor entre as pessoas é o modo como ele se apresenta, e a maneira que ele flui.

A maneira que surge... Como pode? O amor são conjuntos de sentimentos moldados, sim, com

conjuntos de atitudes que alimentam o outro ser. Sentimentos são as formas egoístas, que fazem esse amor ser bom somente para nós... se bem que influenciam em nossas atitudes, que beneficiam outros. Meio paradoxal. O amor esta presente em nós em forma secreta e obscura, com pontadas que nós percebemos aos poucos. Ele nao nasce ou é criado cada vez que encontramos uma pessoa que nos é interessante. Como já dito, ele é uma mistura egoísta de sentimento e atitudes. Quando as atitudes que temos em nosso próprio ser se confrontam com outro ser que se encaixa no nosso perfil, o sentimento desperta. Mas ele é enganoso... Pois em meio a esse conjunto são inúmeras características que o moldam, tornando-o assim.... Complicadíssimo de entender.

É de nosso conhecer, que fomos criados perfeito... assim criados a imagem de Deus. A imagem do amor nos foi dada. E é de nosso conhecer que somos imperfeitos agora, com algo perfeito dentro de nós.

Privilegiados? Absolutamente... Não. Está aí o grande problema dos seres pensante. Há de haver um ser imperfeito capaz de lidar perfeitamente com outro ser perfeito? Haveria de um quadro perfeito ser posto em uma moldura imperfeita, e mesmo assim ser visto com bons olhos? Há o amor perfeito em nós e como poderíamos lidar com esse amor sendo imperfeitos? Mesmo nós sabendo disso, nunca poderíamos lidar, pelo nosso egoísmo de querer o amor supremo.

Como já dito também, ele é enganoso... E a cada vez que pensamos amar, estamos passando de mão em mão nosso punhado de areia. Imaginemos o amor como um punhado de areia do mar, dos mais finos possíveis. Oscilemos a areia de nossas mãos e veremos o que acontece... Cedo ou tarde a areia terá se esvaído entre nossos dedos e o desastre estará feito.

Resguardar nosso amor é o que há de mais sábio entre os que realmente se importam com o uqe há de ocorrer com nossa felicidade. Felicidade extrema nos espera.

Entenderemos em um futuro próximo o que há de ser o verdadeiro amor, quando nossa moldura for posta perfeita em nosso quadro, vivenciado com tantas desgraças... Isso é tudo.

07 de maio de 2007

Quintino

Seus joelhos gastos pela terra
Suplicando pela fonte de vida
"Venha, assim como estão os meu olhos marejados"
Isso seria o suficiente.

E o céu escurece, a terra estremece.
Thor surge do ilustre Céu
Tlaloc realiza sua proeza...
Poseidon, quem diria... Agradece

Os pássaros, fidalgos da natureza
Com seu fulgor a cima do cume dos montes,
Escapam do perigo, indo para seus abrigos...
Assim faz o homem com essa benção concedida.

Seus membros sofrem um leve abalo,
Seus dentes regem de temor...
Constroem apetrechos...
Escondem-se de suas rezas...

A garotinha Estranja
Com seus lindos cabelos lisos
Entorna chuva entre si...
Seu rosto brilha cintilante...

Oh, eles tem medo da chuva...
Oh, não... Eles têm medo...
Mal sabe quão linda ela fica...
Mal sabe quão bela é...

Deixe - me molhá-la

Leopold

Você é bonita

O corpo humano é feio
Mas você é bonita
Porque seu corpo é, na verdade
Materialização de sua alma
À qual já entreguei minha vida

10 de maio de 2007

Leopold

Parar, esperar o semáforo
E ritmar novamente nossos passos
Silenciosos por entre o barulho do mundo
Abafado por nosso divino silêncio
E ouvir-te dizer que me amas
Sem abrir a boca
Atravessar as ruas que navalham meu peito
Com seus carros barulhentos
Ser curado pela ausência de nossas palavras
E arrebatado pela tua suave presença
Que gentilmente me mata
Enquanto aperto com ainda mais força
Tuas mãos brancas

13 de maio de 2007

Quintino

O que há de bonito na razão?
Faz bonita a mente...
Faz distante o sonho...
Separa sempre o que em união se fez
E de nada vale quando se esta só

O que há de bonito no real?
Se for no irreal não se sente dor...
Irreal é um mundo de paz e beleza...
E daqueles que tem a beleza ao seu lado.
No real a tristeza fez-se maré, onda do mar.

A fantasia sobrou e o que tem?
Não dura um dia, nem uma noite...
E quando ela acaba é impossível retornar.
Algo impede... Algo não quer...
Do real é o que faz a razão ser o que é.

15 de maio de 2007

Leopold

Macaco pelado não treme de frio
Tucano batuta só voa pra frente
O peixe nadando na beira do rio
Menino maluco chamado demente

Ta se penteando menina bonita
O moço esperto espreita na fresta
“Quem dera pudesse cumer a mardita
vai sê hoje a noite na hora da festa!”

Macaco pelado não treme de frio
Tucano batuta só voa pra frente
O sol vai sumindo em tempo de estio
Poeta cantando a poesia latente

A pinga sumiu e o fogo não pega
José foi correndo chamar Ermengarda
Trupica Maria, pois visto que é cega
Não viu o Tonhinho arrumando a espingarda

Macaco pelado não treme de frio
Tucano batuta só voa pra frente
A lua já reina trazendo ao cio
Toda meninada pré-adolescente

O milho ta bom e o fogo pegado
Já assa o bode matado na hora
O porco fugiu e ta sendo caçado
Passou entre as pernas da pobre senhora

Macaco pelado não treme de frio
Tucano batuta só voa pra frente
Se for procurar um menino sadio
Não há de se achar no meio dessa gente

O bode acabou, mas deu pra todo mundo
A pinga e o tiro mataram só dois
O que aconteceu lá no mato profundo
Só vamos saber nove meses depois

Macaco pelado não treme de *frio*
Tucano batuta só voa pra frente
A rima não dá, mas no nosso *Brasil*
Seria abusivo ser tão consciente!

17 de maio de 2007*Leopold*

Once Upon a Time there was a Bomb
A bomb that took away our family
Took away our days and nights
Once upon a time there was a bomb
A bomb that took of us everything we got
Took away our lives

18 de maio de 2007*Leopold*

As palavras chegam ainda mais geladas
Quando estamos ao sereno da noite
Mas essa distância não condiz com tanto frio
- Parece que a solidão nos aquece

Pego tua mão – faz-me tremer ainda mais
É triste, mas para salvar-me da hipotermia
Devo evitar as fagulhas cortantes
Do gelado fogo de nosso amor

19 de maio de 2007*Quintino*

Meu desejo te poetizo
Matando a poesia deixando-a a esmo
Para alegar o quanto eu sofro.
Para mostrar-te o que eu mereço.

Não farei disso um absurdo
Juro-te que nada será perdido
E daqueles lindos campos floridos
Que sobre tanto te escrevo,eu nunca vi.

Provo-te que do que escrevo
Nada foi visto ou sentido.

Se por mais que eu corra me aparece
Quero que saiba que nada é real.

Cantarão piadas sem graças para ti
Perceberá que os sentimentais são os cansados do mundo
Perceberá que os sentimentais são a dor do mundo
E que terão a paz no universo criado
E não são nada perante ELES

“E quem é mais sentimental que eu? Ela é mais sentimental que eu... Então fica bem se eu sofro um pouquinho mais”

Leopold

Enfim o desengano de vida
Em fim da própria
Finda o fim.

20 de maio de 2007

Leopold

Na vida sendo indouto e de tanto egocentrismo
Neguei um dia o amor, a amizade e a família.
De tanto orgulho inútil baseado em enganos
Pensei ser tão terreno tudo aquilo que me deram

Fugi e disse não a mais sincera das carícias
Pensando merecer melhores toques que aqueles
E assim negando o corpo e o tão singelo amor
Tranquei-me na redoma do isolamento vão

E tantos companheiros que outrora me ajudaram
Deixei atrás no mundo sem a mera despedida
Pensando ser supérfluo o companheirismo humano
Perdi tantos amigos que hoje me enterrariam

E aqueles que criaram e puseram-me no mundo
Pensando ter um filho com uma grande gratidão
Tiveram a tristeza de perder-se em desenganos
Por nunca receberem nem sequer um obrigado

21 de maio de 2007

Quintino

Olá... Amigo.

Escrevo-te, não por motivo de acrescentar-lhe mais e mais inutilidades, mas por serdes um tanto quando compreensivo.

É sabido que tenho estado mui ausente em meus relacionamentos. Às vezes caio em desespero e tem tanta coisa que queria fazer.

Estou muito conturbado. Tanta gente se apaixonou cedo e conseguiu ser realizado. E eu? Que vivi minha precoce infância e minha precoce velhice oscilando entre o amor e o ódio. (encontro-me amando a tudo e a todos no momento). Já não vejo mais motivos para reclamar. Já não vejo motivos para se desesperar. Aprendi, a pouco tempo atrás que a vida nao pode ser igualada por todos e nem obtida por espíritos pequenos. Como podemos alcançar a vida era uma das perguntas que eu realmente não tinha muitas pistas de como responder. Creio eu nesse momento illustre em que lhe escrevo que a vida pode ser obtida por elevarmos nossa espiritualidade e virtudes ao mais alto nível já alcançado por nós mesmos. A cada dia que alimentamos nosso ego e elevamos nosso espírito conseguimos caminhas passos e mais passos rumo ao que chamamos de vida.

Sei que encontra-se em meios turbulentos e que falando sobre vida a você é meio que estar cantarolando para uma mariposa. Sei que estais um tanto quando perdido. O mais perdido dos mortais... Sei bem disso meu amigo. Mas quero lhe dizer que o Amor que você achou na vida, e que durará o quando você alimentar vai ser uma ótima lembrança. Quero que você não se defina aos poucos... Que faça isso de uma vez e seja glorioso, ou para de uma vez com isso e procure maneiras melhores de se entristecer, pois é lá no final da tristeza que vem a alegria.

Não sois mais um de meus amigos amnesiasticos. sois um amigão... E tenha um ótimo dia.

28 de maio de 2007

Leopold

O trago desce rasgando
Da garrafa ao esôfago
Faltava-me sofrer de amor

Uma garrafa de vodka
Nunca desceu tão fácil
A morte nunca
Foi tão inevitável

Santo e pagão
Bêbado e racional
Filho e órfão
Homem e mulher

O trago desce rasgando
Da garrafa ao esôfago
Faltava-me sofrer de amor

Completo enfim
Precocemente?
Faltava-me apenas
Sofrer de amor

07 de junho de 2007

Leopold

Deus, misericórdia!
Tenha piedade do mais pecador dos filhos
Não ganhei uma alma
E ainda perdi minha própria
O próprio talento que me deste
Não multipliquei, mas
O perdi

15 de maio de 2007

Leopold

Levou o mundo nosso contemplamento
Tua macieira lhe faz falta?
Onde está agora Sócrates?
Prendes-te numa preocupação vulgar

Descemos novamente à pele do coelho
Haveríamos de regressar a escalar o pêlo?
Voltamos à escuridão da caverna
Havemos de sair ao sol novamente?

Obscureço. As palavras não me querem mais
As palavras não nos reconhecem mais
Somos tolos. Somos fúteis.
Somos nossos antigos versos

Dessa não escapo
Dessa não escapo

07 de junho de 2007

Quintino

poetizo
estes
dias

que
dizem
tantas
coisas
por
si
só

se
tão
somente
o
poeta
não

Dissesse,
tão
somente
as
rosas
nao
falariam
as,
joaninhas
não
amariam
e
nós
nunca
teríamos
existido

os
deuses
nunca
teriam
nos
criado.

devemos
nossa
existência
aos
Poetas?

Dias Vividos
Correspondências entre Quintino e Leopold

1ª Edição

São Paulo
2008